

QUINTA-FEIRA
Lisboa - 29 de Julho - 1926

5 TOSTÕES



sempre **12**
five *semanal*
humorística

---11
Km.º S.º r.
Xo1 d'Alvarenga,
Rua Brito Capelo
83-D

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SÓRIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFIC
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Depois do banquete da Curia



-- Não tenhas clumes, querida Republica, porque é impossível gostar dum estafermo daqueles!...



Os ditos da semana



Algumas pessoas, aproveitando esta aberta, vão passando a territorios portugueses longinquos, fazendo á Patria o sacrificio do seu merito. Achamos muito bem. E a proposito ahi vai uma anedota:

Certo artista, muito conhecido (ou pouco conhecido, que isto não vem para o caso), ia uma vez para sair da sua officina, á tardinha, depois de ter recebido o seu salario mensal.

Acontecia que defronte havia um restaurante, cujo proprietario possuia uma conta, já suficientemente antiga, do dito artista. E o dono do restaurante não abandonava a porta da sua casa, e o artista

não conseguia sair a porta da officina, porque chovia torrencialmente.

Passaram minutos, muitos minutos. O homem do restaurante á porta, á espera que passasse o artista, e o artista á porta, á espera que passasse a chuva.

Nesta altura caiu uma formidave! bátega de agua, e, coincidentalmente, o dono do restaurante, para atender um freguez, sumiu-se para dentro. O nosso artista levantou a gola do casaco, enfiou as mãos nos bolsos e saiu, dizendo:

—Deixa-me cá aproveitar agora esta aberta.

—Aplique-se *el cuento*.

O sr. Antonio Cabreira apaixonou-se pela ideia da Batalha de Ourique e das côrtes de Lamego — em cuja poesia não se devia tocar — e conseguiu provar que nesta batalha tomou parte o Mestre de Aviz e que nas côrtes de Lamego usou da palavra, em nome da minoria monarchica, o senhor conde de Agueda.

Tudo quanto Herculano refutou, a Historia prova e os investigadores, embora não fazendo parte da Academia de Alcantara, estabeleceram, é letra-morta.

Misticamente, o sr. Cabreira, tenente-coronel honorario sem o visto do Conselho Su-

perior de Finanças, por urgencia de serviço, integrou-se no espirito do movimento nacional só para defender a sua tése, aliás respeitavel.

Desejamos que seja bem sucedido. E por agora, para dar noticia, podemos informar que se pensa em propôr á vereação municipal para que ao populoso e historico bairro de Campo de Ourique — que, como se sabe, foi transferido do Norte de Portugal por D. Sancho I (vidé o livro do laureado academico) — seja dado o nome de Campo Antonio Cabreira. Igualmente os presuntos de Lamego vão ser chamados presuntos de Antonio Cabreira.

“Museu,” da Brasileira do Chiado Os que borraram a pintura



A nessa critica fica aqui fechada á “chavana”. Pendo-os em pó... de café, damos-lhes e nesse ultimo “chá”

Meu caro «Sempre fizem»:

Naturalmente, o meu presado amigo nunca se deu ao trabalho de se debruçar no parapeito da profundidade dos proverbios populares... E' lá que a «Sabedoria da Sociedade das Nações» tem as suas raizes. Ha proverbio que vale mais em conceitos e ensinamentos de que um tratado (bem tratado) de filosofia em vinte e cinco volumes. Eu tenho sempre orientado a minha vida pelos conselhos das maximas... e das Maximinas. E não me tenho dado mal... Um proverbio ha, que indo muito bem ao meu temperamento de preguiçoso, me tem servido de bussola em mais de um caso. E' aquele que diz: — «Nem por muito madrugar amanhece-mais cedo»... E assim, nunca saio da cama antes das duas horas da tarde... E andando de vagar, tenho ido longe. Nada de estafas nem de lesões cardiacas... Ora, veja o meu presado Sempre fizem se eu tenho ou não razão em temer os resultados de um:

Excesso de velocidade...

Estava a meio do almoço quando o Albuquerque, o grande Afonso de Albuquerque, meu intimo e querido amigo, irrompeu pela casa de jantar. Vinha palido, desganhado e de braço ao peito.



por um "lunatico" de lunetas

Surpreso,, suspendi a asa de fiação a caminho da minha alva e alinhada dentadura. Mastiguei em seco, olhando-o espantado.

O Afonso, perturbado, pingando suor, resfolegou e deixou-se cair ruma cadeira.

O triste estado do meu amigo trouxe-me á mente um pensamento luminoso. Então exclamei:

—O' desgraçado!.. Meteste-te na politica contra os politicos e feriste-te nalgum golpe de Estado!?

O Afonso, cada vez mais palido, voltou-me um olhar em que dizia:— «Não foi nada disso»...

A minha curiosidade foi substituída pelo sentimento de comiserção. Enchi um calice de Porto 1850», a sete mil e quinhentos a garrafa, e

aproximei-o dos labios do meu amigo.

—Vamos... toma...

Ele balbuciou:

—Ar!.. Só preciso de tomar ar...

Abri os armarios, as portas e as janelas, estabelecendo um serviço de ventilação que dava para meia duzia de pneumonias duplas.

O Albuquerque, escancarando a boca e enchendo o torax, respirou profundamente. Mais sereno, dirigia-se-me:

—Tens razão, bem desgraçado!..

Depois de uma pausa e de aconchegar o braço enfermo, acrescentou:

—Vou satisfazer a tua curiosidade, desabafando contigo... Começarei por dizer-te que acabo de perder

quatrocentos contos!..

Dei um pulo na cadeira e interrompi:

—Na batota?! Bem empregas os teus cabedais!..

O Afonso, enfadado com a interrupção, redarguiu:

—Sabes que não jogo... E os cabedais que possuo não vão além de dois pares de sapatos... Peço-te que me não cortes o fio do discurso...

—Nem mais pio...

—Bem! Não é novidade saberes que não tenho outros proventos a não ser os dos meus artigos num jornal de modas, assinados «Viscondessa das Elegancias». Nunca me saiu a sorte grande e a respeito de heranças tenho uma negação absoluta... Não é para admirar! Na minha familia, onde ha varias taras morbidas, como a monomania das grandezas, a dança de São Vito, o «fox», o maxixe e outras doenças... coreograficas, a transmissão hereditaria de heranças é desconhecida. Tem sido uma perfeita imunidade; nem por tara, nem por contagio... Pois meu caro, apesar disso, por alguns minutos deixei de herdar quatrocentos contos!

Foi-me impossivel deixar escapar:

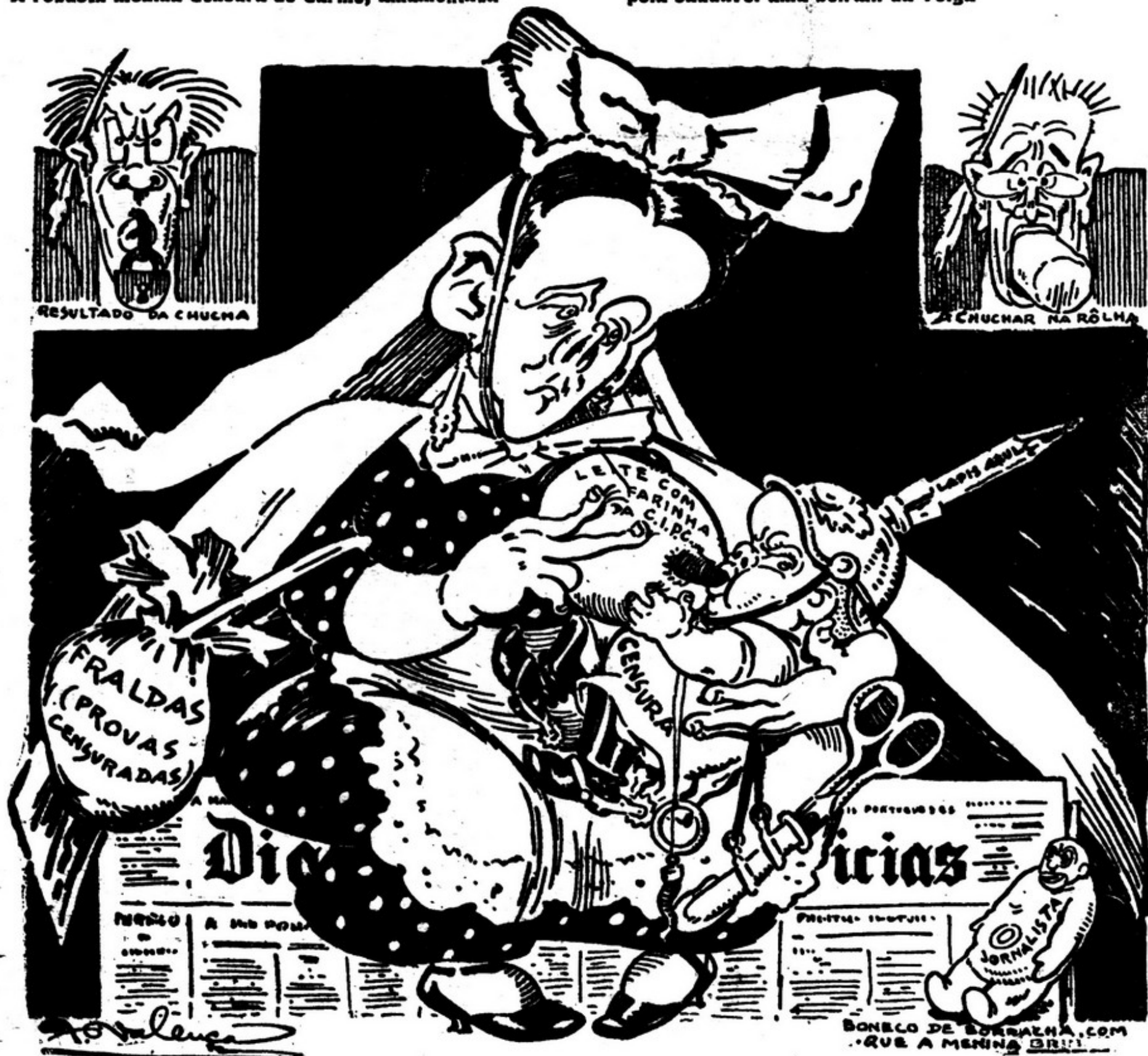
—E' forte!

—Fortissimos! Eram em moeda brasileira... Ainda esta manhã era o herdeiro... presuntivo...

(Continúa).

A robusta menina Censura do Carmo, amamentada

pela saudavel ama beirã... da Velga



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

E' UMA vergonha o que se está passando nos nossos teatros, e principalmente nos de revista.

Não ha disciplina, não ha respeito pelo publico.

As coristas e os artistas, até os categorizados, conversam, riem, dizem chalaças uns com os outros...

Ha dias, assistimos, num dos teatros do P. M., a uma scena quasi in-creditavel:

Um actor disse qualquer graça a uma corista. Esta riu e, por sua vez, pôz-se debaixo do riso, contou a outra, que riu tambem descaradamente. D'ahi a minutos, coristas e artistas riam de tal forma que o numero que estavam interpretando, de tanto rir, não se percebeu.

O publico pateou, mas mesmo assim o riso só acabou quando o numero foi dado por findo...

Onde estão os directores artisticos e os numerosos autores das revistas que consentem esta bambochata?

E' tempo de haver vergonha e de haver prohibidade no trabalho!



AQUELA celebre companhia de revista que veio do Rato para os Restauradores e dali para a calçada da Gloria, vai agora para o Parque Mayer.

E' a chamada companhia funeraria. Fecha todos os teatros onde trabalha.

Já fechou três e continua... Dissemos, em tempos, que ainda ia parar a S. Carlos!

Tudo é possivel... Agora o S. Carlos é que eles não fecham, porque fechado está ele... e não ha maneira de abri...



C. P. agradeu tanto que dispensa todas as companhias...

Gosta de andar e aparecer sózinho...

Embora o arroz seja um belo prato para consolar o estomago, uma sobremesinha não faz mal a ninguem.

Até o C. P. ficava melhor alimentado e teria mais convivas no arroz de quinze...

Assim ha quem chame á peça:

Arroz de quinze ao vintem!



QUANDO o *Sempre fixe* sair, já se deve ter representado «As três meninas... nuas».

Os artistas da companhia vão reunir-se num banquete, festejando a generosidade do empresario... que é do tempo do arroz de quinze e da vida barata...



«OS que se divertem», no ultimo domingo de cada mês, á porta da «Chien», distribuiram o seguinte curioso aviso:

??? SAUDADES DO PASSADO ???

Por esta via de letra, são convocados os Mandibuladores e Enxugadores a reunir na esplanada defronte da Leitaria Chic, na noite de 29 do



As aventuras dum "chauffeur"-empresario desencartado...

corrente, pelas 10 horas (tolerancia até ás 11).

Não comparecendo, não é incluido no numero dos mastigadores nem tomará parte nos brinquedos que se realizarem no dia 31 do corrente.

Enquanto se espera no local acima indicado pelos mais retardatarios, são permitidos jogos proprios da idade, tais como o Jará, Rou-rou, 5 Cantinhos, Eixo (corrido ou saltado), etc., etc... Não é permitido o Chicote queimado, para evitar questões sobre quem deve esconder o Chicote.

Recomendo a todos o maior cuidado com os trons, electricos, etc. E' melhor ir sempre encostado á parede. Mesmo que alguem lhes dirija a palavra, não percam a mesma posição, porque o sitio é perigoso e a

gento vê caras mas não vê os... corações.

Lisboa, 23 de Julho de 1926.

O mais velho,
Jorge Roldão.



DIZEM os jornais:

«O Amigo Carvalho, «raudeville» representado por Alexandre de Azevedo ha seis anos no Rio de Janeiro, no teatro Trianon, com successo, e que os artistas que estão trabalhando no Apolo começaram a ensaiar, foi retirado para dar lugar á marcação de uma nova peça.»

Porque seria retirada? Naturalmente pelo mesmo motivo porque entrou...

O Amigo Carvalho, se calhar, era

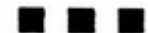
Policia de costumes



— As senhoras não podem andar assim — quasi nuas!

— Ora essa, e aquela do Eça?
— Aquela é de pedra! E demais um homem não é de pau...

um daqueles amigos de Peniche que ás vezes nos aparecem...



COMO a «critica» critica: O nosso bom Chico, o N. de B., quando da «première», no Salão Foz, da revista «Malmequer», escreveu assim, no jornal «A B...», de 17 deste mês:

«...Beatriz Costa vai sendo um bom elemento do teatro musicado...»

Dá-se o facto curioso de Beatriz Costa não estar no Salão Foz e não entrar, portanto, na revista...

Com quem teria confundido o N. de B. a Beatriz Costa? Vamos fazer um inquerito...



O ACTOR de revista C. L.—eterna mocidade, sempre em destaque no teatro alegre—vai veranear.

Para onde? Ha tantas variedades... de termas, conforme as doenças!



A COMPANHIA do A. do M. deve embarcar para terras de Santa Cruz entre 8 e 15 de Agosto.

Regressa, por essa epoca, a L. C. Diz-se que o seu primeiro papel em Lisboa—é o do noiva...



PARA o Brasil vão, ao certo, como estrela, L. D., e como artistas C. P. e L. D., enfim quasi toda a companhia do M. V. Fala-se tambem na H. L.

Isto de mulheres De homens ha a certeza de ir o A. R. e palpitou-se o C. L.

A H. L. está hesitante. Entre as duas estrelas L. D., que vai, e a E. S., que fica—son coeur balance.

Enjão ou «Piparote»?



E. S., estrela de revista, volta á actividade. Vai ingressar no elenco do M. V., como primeira figura.

A. F., cantadora de fados, e M. L., ambas representando no S. F., vão tambem para lá.

Eis o que se chama uma concentração de forças ou um cruzeiro de estrelas em equação teatral.



OS DOIS teatros de revista que tem actualmente as portas abertas ao publico vão sofrer grandes remodelações.

O M. V. vai mudar de peça. Anuncia-se para o dia 5 a revista «Piparote».

E' caso para dizer: o «Az de Espadas» levou tal piparote que em menos dum mês foi pela caixa do ponto.



CONSTA que o ministro da Instrução vai dissolver a Inspectoria Geral da Beleza de Artes de Andrade.

O Homem das 6 horas



O' TU QUE FUMAS!

O cigarro DO ASILADO

O «Cigarro para o asilado» é uma iniciativa cheia de simpatia e de ternura do papà *Diario de Lisboa*.

Para um asilado, velhinho ou não, um invalido do trabalho e da fortuna, não ha nada neste mundo como um cigarrinho.

Nem a liberdade, nem a saude, nem a morte — que é uma especie de liberdade eterna. Um cigarro é tudo.

Não discutem o regimen dos tabacos. A' liberdade de compra e venda preferem a liberdade... de pedir um cigarrinho.

Como estão sempre em regimen provisorio — a questão dos tabacos, sistema Silva ou sistema Aboim Inglês, é-lhes indifferente.

Fumar! supremo medicamento, supremo doutor Voronoff, o que dá a mocidade perdida a troco de uma enxertia de glandulas de simio.

A geografia tambem não lhe interessa. Uma onça de americano, de holandês, de francês está certa, mesmo que venha ali de Xabregas. Certificado de origem não os preocupa. Basta-lhes o certificado do destino.

Nós, que a todo o momento damos cigarros a toda a gente que o solicita por elegancia literaria, bem podemos contribuir para a felicidade dos velhinhos, deitando um cigarro de vez em quando na Caixa do Asilado.

Bem haja o *Diario de Lisboa* pela sua lembrança, que irá aumentar um pouco de filosofico e resignado bom humor dos prisioneiros dos Hospícios, dos Albergues e das Casas de Trabalho.

FRUCTA DO TEMPO

O Testamento da Velha

Naquela casa mesquinha que o tempo, aos poucos, estraga, Habitava uma velhinha, mais velha que a Sé de Bragal...

Sempre só,—como vivia ninguém sabia dizer...

—Aquilo que se sabia, mais por contar que saber, é que era muito avarenta; que não fora nada feia; que passava dos oitenta e tinha um bom pé de meia.

U certo é que não parava naquela casa mesquinha, porque almoçava e jantava, sempre por fóra, a velhinha.

Não em qualquer restaurante, mas co'as suas relações, que não paravam um instante de lhe prestar atenções...

Toda a gente lhe exprimia, por viver só, grande mágua, Captando-lhe a simpatia com mais um púcaro d'agua deitado dentro da sôpa!...

Sem censurar-lhe a avareza, as fíres davam-lhe roupa, e diz-se, até, com firmeza, que chegou a haver questões, entre a familia das Soisas, por causa das refeições!...

Mas dizem-se tantas coisas...

Emfim,—verdade é que a velha vivia bem como bem, e andava gorda e vermelha sem dispendir um vintem.

Um dia, tanto comeu que, num transe de aflicção, ergueu os olhos ao ceu e, morreu... d'indigestão.

A nova correu veloz...

Mais veloz do que a velhinha se extinguiu, p'ra sempre, a voz!

E aquela casa mesquinha, acostumada ao desterro, regorgitou, num momento, não por causa do enterro: —por causa do testamento!...

Aberto logo a seguir e lido com estranho enlevo, puderam todos ouvir as palavras que transcrevo:

—«E' este o meu testamento.

Fui nova como qualquer, e de nada me lamento:

—nem mesmo de ser mulher.

Amei... porque não sabia!

Chamavam-me os homens linda enquanto não me vendia...

Depois... depois, tudo finda!...

Fui enganada,—enganei;

mentiram-me, e eu menti...

Assim, perdendo,—ganhei,

e á minha custa aprendi.

Aprendi que ser honesta,

nos tempos que vão correndo,

é virtude que só presta

para se viver morrendo...

Vi sofrer homens honrados

e percebi, desde então,

que usar os saltos cambados

é má recomendação...

Vi despertar o interesse

p'la maneira de trajar,

e que ninguém reconhece

o pago, do por pagar...

Com todo o conhecimento

de toda a velhacaria,

gosci, vivi com espavento,

até notar, certo dia,

que tinha cabelos brancos.

Desde então, senti-me preta...

Puz de parte gestos francos

e fiz constar avareza.

Eu, que não tenho de meu

uns miseros seis vintens,

gritei á terra e ao ceu

a grandeza dos meus bens!...

Fui pretendida, adulada,

cercada de gentileza,

e em troca, não dava nada...

Desculpa:—a minha avareza.

E hoje, a todos, em lembrança

de nenhum prometimento,

deixo a lição como herança...

E' este o meu testamento.

... ..

Naquela casa mesquinha,

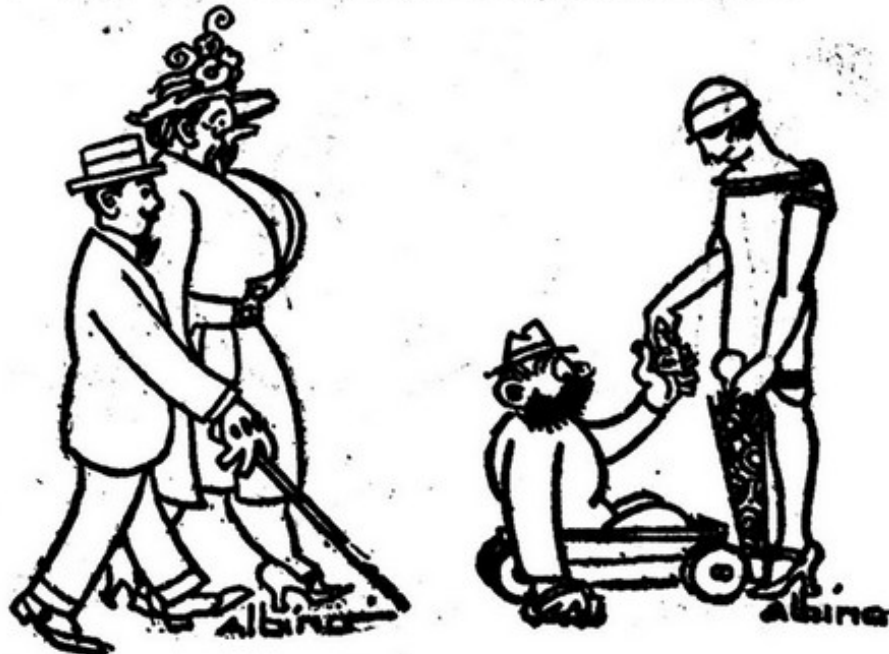
que o tempo tenta arrazar,

ainda estão, da velhinha,

os ossos... por enterrar.

Silva Tavares.

DE GUSTAVO LE MAUVAIS



A beleza das pessoas mede-se pelo affecto que lhe consagramos | A caridade tem o seu poder como todas as outras virtudes

REIS E PRESIDENTES

O chasseur DO "RITZ"

O Hotel Ritz, de Madrid, tinha um chasseur que se tornou celebre por causa da anedota que se segue.

Chamava-se esse chasseur Manoel Garrido—o não havia, no regimento de «botones» de Espanha, miudo mais atrevido, mais «chulo», mais castelhano de que «Manolo». Dois palmos de altura, enfezado para os seus dozo anos—mas ruidoso e traquina como só elo.

* * *

Uma manhã toca o telefone e Manolo vai atendê-lo.

—Quem fala?

—O Manolo do Ritz.

—Olha: vai chamar o sr. Duque de Mahon ao telefone...

—E quem fala d'ahi? exige o chasseur.

—Diz-lhe que é o rei...

O pequeno soltou uma gargalhada e respondeu, castiço:

—Te has coláo!

Do outro lado do aparelho, a mesma voz insistia:

—Já disse que sou o rei.

—A mi no, hombre!

—Mas estás louco? Sou Afonso XIII.

—Un guaxon es lo que tu eres!

—Maul Não sejas teimoso. Vai chamar o duque e diz-lhe que é o rei que lhe quere falar.

—O rei? Te has coláo!

* * *

E o dialogo prolongou-se sem que o pequeno incredulo e trocista deixasse de repetir o «te has coláo» muito em voga em Madrid nessa epoca. Por fim, meio desconfiado que estava metendo la pata—o chasseur lá foi prevenir o duque. Quando o duque chegou ao telefone, Afonso XIII disse:

—Acabo de passar uns minutos adoraveis com um chasseur d'ahi. Chama-se Manolo. Vem ao palacio e trá-lo contigo.

E assim se fez. O pobre pequeno, ao compreender que estivera de facto a falar com o rei, fez-se de mil côres e quasi que se fundiu na banqueta do automovel. Chegaram ao palacio; e quando começaram a subir a escadaria, Manolo sentia o coração como se fosse um relógio despertador. Se tivesse tido occasião, teria fugido. Mas não podia. O duque não o largava de olho...

* * *

Afonso XIII recebeu-os por fim, e dirigindo-se ao «botones», acariciou-o, sorrindo-se:

—Então não querias acreditar que era eu? Parecia-te impossivel falares pelo telefone comigo? Como vês, o rei não se importa de falar até de viva voz contigo...

—O sr... Vossa Magestade desculpará... que eu, sim... eu...

—Não te atrapalhes, rapaz. Eu não me zanguiei. E para prová-lo, olha...

Tirou uma nota de cem pesetas e estendeu-a.

O petiz, julgando ter encontrado a fortuna, estendeu a mão, cubiçoso. Mas o rei, dando-lhe uma palmada, guardou outra vez a nota e repetiu o estribilho:

—Te has coláo!

Manolo fez-se vermelho como uma romã e não pôde conter-se:

—Bromas, nol Este não vale

E quando saiu do palacio, em vez de cem pesetas—levava duzentas.

O homem de taxi

O TURISMO EM PORTUGAL

Anedoctas verdadeiras

passadas com estrangeiros
que ultimamente visitaram Lisboa

O turismo, em Portugal, é, como tudo, uma generosa ideia redundada em chuchadeira. Custa escrever isto a quem, como nós, só por doloroso sacrifício se resigna á convicção de que as coisas portuguesas nem sempre caminham pelo melhor; mas a verdade é que, estando a agravar-se dia a dia situações que são desprestígiadas para o nosso bom nome colectivo, seria criminoso da nossa parte não pôr a claro, para que se remedie, as irregularidades de que temos conhecimento, verificando-se, sobretudo, que, do silencio feito á sua volta, só pode esultar a certeza de uma convivência que de modo algum nos quadra.

A cidade é grande; a cidade anda sempre atarefada na lufa-lufa da vida; e não se apercebe, por isso, de certos episódios de descredito que por ahí se registam, não obstante serem muitos deles duma importancia que não admite sofismas.

Este do turismo é dos mais típicos; e nós marcamo-lo por anedotas verdadeiras e por notas curtas de reportagem, para mais facil e mais rapida compreensão do leitor.

* * *

Suponham os senhores que assistem ao desembarque, no Tejo, de um grupo de turistas. Cáem sobre os desgraçados, como galfarros, dezenas de galgos a fingir de interpretes. Criaturas que usam o português como o pior dos carreões e que em idiomas estrangeiros falam pelos cotovelos porque só por mimica procuram fazer-se entendidos, não se calcula — não se tem uma ideia aproximada sem vê-la — a figura selvática de urso a que tais cicerones se sujeitam, sem pensar que estão dando da sua terra a mais desastrada das impressões.

Começa o contacto a bordo por uma especie de assalto cambial ás bolsas dos visitantes. Sujeitos que, sendo sapateiros, padeiros ou carpinteiros de profissão, se transmudaram por ganancia em banqueiros volantes, aproveitam-se de mil e uma intrujices para roubar os recém-vindos, trocando-lhes as libras, os dollars ou as liras por dez réis de mel coado.

Depois, surgem os linguas. Gesticulam de maneira bestial; falam de modo que nem a si proprios se entendem; disputam-se com insultos e atitudes grosseirissimas a posse das victimas, como se cada uma delas fosse uma presa de apeteer na dentuça sanguisedenta duma fera. Aparecem policiaes a fingir que também sabem falar e a convidar por mimica os visitantes para passeios aqui e acolá, a sitios inverosímeis que não tem existencia em ponto algum do globo. As linguas misturam-se com as frases feitas de calão; profere-se palavras sem sentido e sem noxo, vocabulos atirados ao calhar duma conversa atrapalhada. — *Yes! Very good! All right!!* Revolução! Mais barato! Boca do Inferno! *Very nice!* Estupendo! Não se fie na malandragem! *Oui; oui;* eu cá sou da policia! *Vouslez vous faire un promenade barato?*

Os estrangeiros fartam-se de rir; os interpretes fartam-se de dizer asneiras, e combinados, alfin, os passeios pela cidade e seus arredores, esportulam um dinheirão para ir do taxi até, por exemplo, ao Panteon, onde um verídico cicerone lhes aponta como coisa de vêr-se o caixão de El-Rei D. Carlos, com esta explicação mais estúpida que velhaca, atenuando á ignorancia do explicador:

— *Voquez! The Pickles King!* — que, traduzido em português, dá: *alici em conserva.*

Um policia especializado conduz um

grupo de estrangeiros á Boca do Inferno e dá-lhes *in-loco* a seguinte nota impressiva, com enorme barafunda de gestos:

— *Bouche... diable... chiffres... rabo... pum! pum! pum! Morreu... Fu...! Foi um ar que le deul!*

Um individuo com *delirium tremens*, emborrachado e coberto de tatuagens, pespega com cerca de 300 turistas italianos em Sintra. Os visitantes, gente de teres, tinham vindo no «Tomaso di Savoia» e traziam, alguns deles, automoveis seus.

Entraram no cortejo os automoveis portugueses que foram precisos para o transporte de todos os passageiros e estava encomendado um grande almoço no Casino.

Chegados lá, os *chauffeurs* italianos pegaram-se á taponar com os *chauffeurs* lisboetas; houve pancadaria de criar bicho; os turistas fugiram espavoridos, desistindo do almoço e vindo para Lisboa empilhados nos

carros, como sardinha em canastra; o organizador da excursão fugiu também e ao fim, a policia queria por força prender os infelizes por não terem pago o almoço que não comeram.

* * *

Quando foi da ultima revolução e estavam suspensas as garantias, apareceram certa madrugada, na Avenida, uma senhora e um cavalheiro que ninguém entendia, por mais que eles diligenciassem explicar-se aos raros policiaes que surgiam a indagar do que andavam fazendo por ali.

Um jornalista que andava na reportagem da noite abeirou-se do grupo e veio a saber-se tudo: eram dois ingleses que tinham sido abandonados na Rotunda por um cicerone dos tais de muitos gestos e poucas palavras. Os desgraçados, que só percebiam e só falavam o inglês, procuravam um automovel que os reconduzi-

se a bordo. Mas os automoveis tinham recolhido ás *garages*; os policiaes tinham recebido ordem de prender quem não andasse munido do salvo conduto; e assim, se não apparecesse o jornalista, os dois turistas tinham ido parar, sem apelo nem agravo, aos calabouços do governo civil.

Segundo as informações que colhemos, ha interpretes de verdade, criaturas que sabem o que fazem e o que dizem; mas os outros, os da marca *minhoca*, fazem-lhes guerra, procuram por todos os meios inutilizá-los; e a tal ponto que, ha dias, um chefe de policia, azoínado pelos cicerones anal-fabetos, verberava nestes termos o arrojo de um que se lembrara de mostrar Sintra a um grupo de estrangeiros:

— *Você é parvo? Você não vê que esses tipos veem todos de Monte Branco? Se veem do Monte Branco, mostrar-lhes Sintra até é uma vergonha. Fartos de vistas estão eles! O que vocês querem é desacreditar a Republica, mostrando as estradas nos de lá de fora! Parece impossivel que nem sequer vejam que isso só vem infectar os interesses do país!*

* * *

No dia em que se deu o golpe de Estado de que resultou a deposição do sr. general Gomes da Costa, precisamente á hora em que a força armada ocupava, com aparato bolico, o governo civil e as ruas proximas, um interprete pespegou com dez ou doze turistas americanos ao cimo do Chiado, para apreciarem bem as evoluções revolucionarias, enquanto os pardais, da ramada da arvore a cuja sombra o automovel se acolhera, iam despejando sobre os visitantes um chuva de piadas sem classificação decente.

Etc., etc., etc.

* * *

Não haverá meio de se acabar com um estado de coisas como este, que chega a ser criminoso á força de desprestígiante para todos nós? Se ha — e crêmo-lo sem esforço — pessoas capazes de desempenhar-se com decencia da função de interprete, porque estranhas razões ha de confiar-se a criaturas incultas — alguns dos que por ahí audam não sabem ler nem escrever e adextraram-se para ciceronar cosinhando caldeiradas a bordo dos vapores de pesca — porque estranhas razões — repetimos — ha de deixar-se a exercer uma profissão de responsabilidades gravissimas pessoas que só podem ser-nos elementos de primencia e de descredito?

* * *

Esta, para fechar:

Ha dias, um policia interprete armou em «gentleman» e convidou duas senhoras americanas para um passeio na cidade. Tudo por gestos. As americanas acharam graça e aceitaram. O homensinho instalou-se com elas num automovel; andou toda a tarde por ahí, mudo como um pato, a desengonçar-se em gestos e a apontar os monumentos com tanta consciencia que até chamou ao Vasco da Gama «D. Vasco I, Rei das Indias de áquem e d'alem mar». O que vale é que só falou em português — e, ao fim, ainda por cima, exigiu que as senhoras pagassem a conta do taxi, sob pena de as prender.

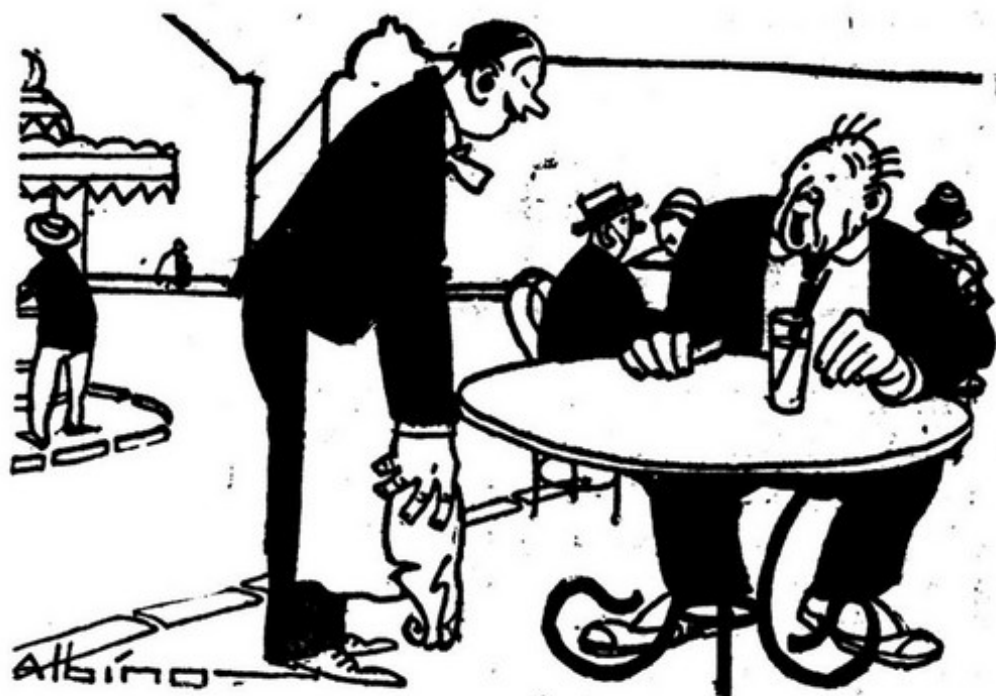
Se calhar, é por estas e por outras que os estrangeiros andam sempre a rir-se quando a gente os vê, por ahí, a visitar a cidade.

E nós a julgarmos que eles se riam por gostarem de vêr as vistas...

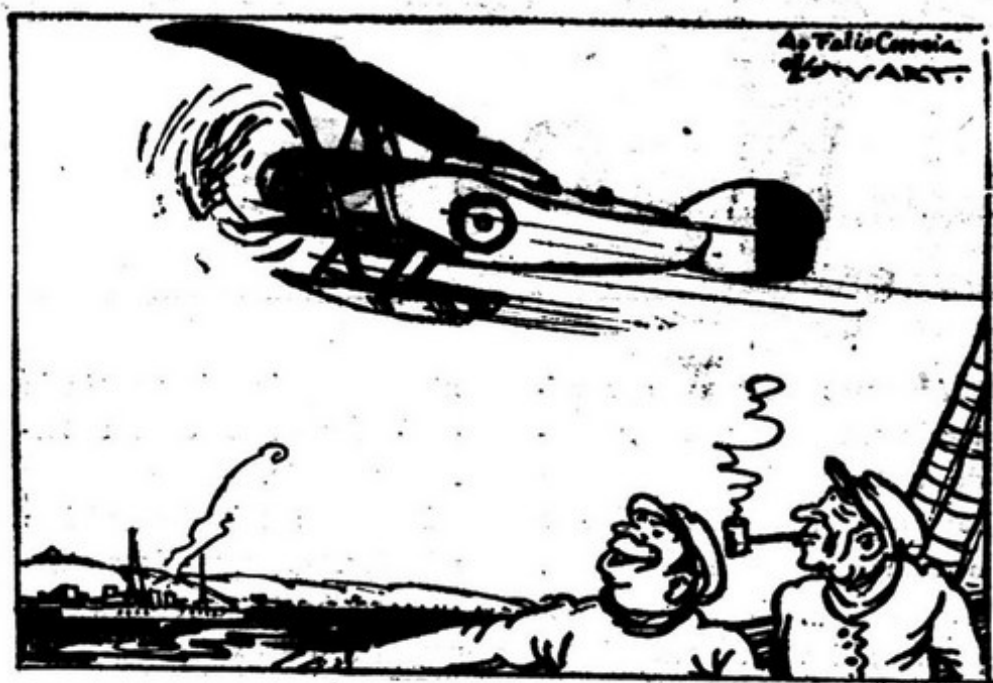
OS NOSSOS MEDICOS



Dr. Barbosa Sueiro — Ex-vereador da Camara Municipal de Lisboa. Os seus amores são a Sciencia e a Republica. Por elas é capaz de perder a cabeça... e o cachimbo.



— Esta agua é pura?
 — Ora essa, é da Companhia e todos os dias é desinfectada com acido prussico...



— Este é o que vai fazer a volta ao mundo?
 — Não, aquele só faz voltas á Torre de Boem...

Julio Dantas em Londres



Quando "ole" passava na Piccadilly, imponente, eram tantas as "olhas" que o olhavam, que o transito se interrompia...